

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
Diretoria de Indicadores e Estatísticas
Coordenação de Acompanhamento Conjuntural

INTRODUÇÃO

Os destaques da conjuntura econômica nacional, na segunda quinzena de janeiro de 2014, estão dirigidos para a continuidade de alta na taxa básica de juros (Selic); redução do Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br); queda do desemprego em 2013; recuo na inadimplência das operações de crédito; recorde na arrecadação tributária e aumento no déficit em conta corrente do governo. No âmbito internacional, os fatos econômicos relevantes estão voltados para o crescimento do PIB e da produção industrial dos Estados Unidos; crise cambial na Argentina com alta do dólar; melhoria no desempenho da indústria e do setor de serviços na Zona do Euro; crescimento do PIB chinês e manutenção da política monetária no Japão.

Ata do Copom deixa em aberto nova alta de juro

A ata da última reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) não trouxe grandes novidades na avaliação sobre a inflação. O documento apenas incorporou o comentário do presidente do Banco Central (Bacen), Alexandre Tombini, após a divulgação do IPCA de 2013, de que a inflação mostra resistência “ligeiramente acima daquela que se antecipava”. Tal mensagem foi vista como indicação de que o colegiado Bacen subiria a taxa básica de juros em 0,50 ponto percentual, como visto na reunião da semana passada, quando a Selic foi de 10% para 10,50% ao ano. Na ata, o Copom justificou a alta de juros: “Tendo em vista os danos que a persistência desse processo [inflacionário] causaria à tomada de decisões sobre consumo e investimentos, na visão do Comitê, faz-se necessário que, com a devida tempestividade, o mesmo seja revertido. Dessa forma, o Copom entende ser apropriada a continuidade do ritmo de ajuste das condições monetárias ora em curso”. Assim, como no documento anterior,

o Copom repetiu que a política monetária deve se manter especialmente vigilante e que os efeitos das ações sobre a inflação ocorrem com defasagem (Valor Econômico, 23/01/2014).

Índice de atividade econômica do BACEN tem contração

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) caiu 0,31% no penúltimo mês de 2013, na comparação com o mês anterior. Em outubro, o indicador tinha subido 0,71%. O IBC-Br mostrou alta de 1,94% em novembro, em relação ao período do ano passado. Considerando a sazonalidade, o índice de atividade do Bacen avançou 1,34%. Nos 12 meses até novembro, o indicador apresentou alta de 2,61%, com ajuste sazonal, e aumento de 2,43%, na série sem ajuste. No ano, o crescimento foi de 2,68%, sem ajuste, e de 2,80%, considerando a sazonalidade (Valor Econômico, 17/01/2014).

Inflação pelo IGP-M desacelera em janeiro

O Índice Geral de Preços – Mercado (IGP-M) variou 0,48%, em janeiro. Em dezembro, o índice alterou 0,60%. Em janeiro de 2013, a variação foi de 0,34%. Em 12 meses, o IGP-M variou 5,66%. O Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA) apresentou taxa de variação de 0,31%. No mês anterior, a taxa foi de 0,63%. O Índice de Preços ao Consumidor (IPC) registrou variação de 0,87%, em janeiro, perante 0,69%, em dezembro (FGV/IBRE, 30/01/2014).

Receita dos serviços cresce em novembro

O setor de serviços registrou no Brasil crescimento nominal de 8,6%, na comparação com igual mês do ano anterior, inferior às taxas registradas em outubro (8,8%) e em setembro (9,7%). O crescimento nominal no ano e em 12 meses ficou em 8,5%. Na Bahia, a receita nominal do setor de serviços cresceu 6,6% em novembro, na comparação com novembro de 2012, no ano, expansão de 10%. Nos 12 meses, o crescimento foi de 9,7%. Ocorreu aumento nas atividades de serviços, com destaque para Outros serviços (42,6%), Serviços profissionais, administrativos e complementares (14,8%) e Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (8,0%) (IBGE, 22/01/2014; SEI, 22/01/2014).

Criação de empregos em 2013 é a menor desde 2003

Em 2013, foram gerados 1.117.171 postos de trabalho. Esse resultado é o pior desde 2003, quando foram criadas 821.704 vagas líquidas na série, também com ajuste até novembro. No mês de dezembro de 2013, verificou-se uma redução de 449.444 postos de trabalho, ou declínio de 1,10%, tomando como referência o estoque do mês anterior. Na Bahia, o acumulado do ano de 2013, apresentou um saldo de emprego da ordem de 51.270 novos postos de trabalho. Tal expansão decorreu principalmente do crescimento do emprego nos setores de Serviços (18.903 postos), da Construção Civil (15.565 postos) e do Comércio (12.087 postos). Em dezembro, contabilizou um saldo negativo de 10.237 postos de trabalho com carteira assinada (Caged, 21/01/2014; SEI, 21/01/2014).

Taxa de desemprego diminui em seis regiões metropolitanas em 2013

A taxa média de desemprego em seis regiões metropolitanas caiu para 10,3% em 2013, perante 10,4% em 2012, segundo a Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED). A Pesquisa foi feita nas regiões metropolitanas de Belo Horizonte, Fortaleza, Porto Alegre, do Recife, de Salvador e São Paulo. O total de ocupados foi estimado em 18,6 milhões de pessoas em 2013, alta de 0,4% na comparação com o ano anterior. A População Economicamente Ativa (PEA) também subiu 0,4%, acusando 20,754 milhões de pessoas. O total de desempregados no conjunto das regiões caiu 0,1%, perfazendo 2,148 milhões em 2013, fato considerado pelo estudo como de relativa estabilidade perante 2012. De acordo com o estudo, em 2013, foram geradas 78 mil ocupações, número ligeiramente superior ao de pessoas que ingressaram no mercado de trabalho (75 mil), o que resultou na relativa estabilidade do volume de desempregados (-3 mil). Só no mês de dezembro do ano passado, a taxa de desempregados recuou para 9,3%, diante de 9,5% em novembro. A taxa de desemprego total da Região Metropolitana de Salvador (RMS) permaneceu estável e se manteve no menor nível observado em 2013, 16,9% (G1, 29/01/2014, SEI, 29/01/2014).

Taxa de desemprego da PME é a menor desde março de 2002

A taxa de desemprego caiu para 4,3% em dezembro de 2013, depois de se situar em 4,6% em novembro, de acordo com dados divulgados pelo IBGE. No ano de 2013, os desocupados somaram, em média, 1,3 milhão de pessoas, 0,1% a menos que em 2012, o que representou menos 20 mil desocupados em um ano. Na média de 2013, os ocupados eram 23,1 milhões de pessoas, contra 23 milhões um ano antes. Das seis regiões metropolitanas abrangidas pela pesquisa, cinco registraram queda entre novembro e dezembro. Em Recife, a taxa saiu

de 6,5% para 5,9%; em Salvador, de 8,2% para 7,7%; em Belo Horizonte, de 3,9% para 3,4%, e, em São Paulo, de 4,7% para 4,4%. No caso do Rio de Janeiro, passou de 3,8% para 3,7%. Quanto a Porto Alegre, a taxa ficou estável em 2,6% (Valor Econômico, 30/01/2014).

Cheques devolvidos por falta de fundos têm leve queda em 2013

Dos cerca de 838 milhões de cheques compensados no país no ano passado, 16,8 milhões, ou 2%, foram devolvidos por falta de fundos, de acordo com a Serasa Experian. Em 2012, o percentual foi um pouco maior, de 2,02%. Em dezembro de 2013, 1,91% dos cheques foram devolvidos, fatia inferior àquela registrada em novembro, de 2%, e àquela apurada um ano antes, de 2,04%. Segundo a Serasa, a pequena queda na inadimplência com cheques em 2013 decorreu do baixo desemprego e da maior preocupação dos consumidores em quitar suas dívidas em vez de assumirem novos financiamentos (Valor Econômico, 23/01/2014).

Demanda de empresas por crédito estaciona em 2013

A procura de empresas do Brasil por crédito ficou estável em 2013, contida pelo aumento de taxas de juros e incertezas sobre o cenário econômico do país, afirmou a Serasa Experian. O resultado ocorreu após queda de 5,2% na demanda de empresas por crédito em 2012. As grandes empresas exibiram alta de 18% na demanda por crédito no ano passado, enquanto as médias tiveram crescimento de 3,8%. Porém, no segmento de micros e pequenas empresas, houve queda de 0,5% na demanda. Em dezembro, houve avanços de 12,9% na procura das empresas por crédito sobre o mesmo mês de 2012 e de 3,9% na comparação com novembro (Estadão, 22/01/2014).

Inadimplência média das operações de crédito é a menor desde 2011

A inadimplência média nas operações de crédito do sistema financeiro apresentou queda marginal na passagem de novembro para dezembro de 2013, segundo o Bacen. A taxa caiu de 3,1% para 3%, menor patamar da série histórica iniciada em março de 2011. Nas operações com pessoas físicas, o índice de inadimplência saiu de 4,5%, em novembro, para 4,4%, em dezembro de 2013. No crédito para pessoas jurídicas, a taxa cedeu 1,8%, depois de marcar

1,9% em novembro. Sobre dezembro de 2012 foi registrada baixa de 0,4 pontos (Valor Econômico, 29/01/2014).

Confiança do consumidor recua na primeira pesquisa do ano

O Índice de Confiança do Consumidor (ICC) da FGV recuou 2,1% entre dezembro de 2013 e janeiro de 2014, ao passar de 111,2 para 108,9 pontos. Com o resultado, o índice manteve-se abaixo da média histórica de 115,9 pontos pelo décimo primeiro mês consecutivo e alcançou nível mais baixo desde junho de 2009 (108,7 pontos). A maior contribuição para a queda do ICC, em janeiro, adveio do Índice de Expectativas (IE), que recuou 2,6% para 105,6 pontos, o menor desde setembro de 2011 (104,1). Já o Índice da Situação Atual (ISA) caiu 2,1%, ao passar de 118,1 pontos para 115,6 pontos, ficando abaixo da média dos últimos cinco anos (129,1) pelo décimo segundo mês consecutivo (FGV/IBRE, 24/01/2014).

Confiança da indústria decresce no começo de 2014

O Índice de Confiança da Indústria (ICI) da FGV recuou 0,4% entre dezembro de 2013 e janeiro de 2014, ao passar de 99,9 para 99,5 pontos. Apesar de iniciar 2014 acima da média do quarto trimestre do ano passado, a suave queda do ICI na margem manteve o índice abaixo da média histórica pelo oitavo mês consecutivo. A queda do ICI no mês foi motivada pela piora das expectativas: o Índice de Expectativas (IE) recuou 1,9%, para 98,1 pontos, enquanto o Índice da Situação Atual (ISA) avançou 1,2%, para 100,9 pontos, o maior patamar desde julho passado. Seguindo a tendência de aquecimento conjuntural apontada pelo ISA, entre dezembro e janeiro o Nível de Utilização da Capacidade Instalada (NUCI) aumentou 0,3 ponto percentual, para 84,6% (FGV/IBRE, 29/01/2014).

Confiança da construção diminui em janeiro

O Índice de Confiança da Construção (ICST) da FGV se manteve estável no trimestre findo em janeiro de 2014, ao variar -3,9% em relação ao mesmo período do ano anterior. Na mesma comparação, as variações haviam sido de -3,7%, em novembro, e -3,9%, em dezembro. No mês de janeiro, houve queda de 3% no comparativo com o primeiro mês de 2013. Em dezembro passado, o recuo tinha sido de 5%. No enfoque trimestral, a relativa estabilidade do ICST deveu-se a movimentos opostos dos dois indicadores que o compõem: a variação interanual do Índice de Situação Atual (ISA-CST) passou de -6,2%, em dezembro de 2013,

para -4,4%, em janeiro de 2014; e a do Índice de Expectativas (IE-CST) passou de -1,6% para -3,4%, na mesma base de comparação (FGV/IBRE, 28/01/2014).

Índice de confiança de serviços recua em janeiro

O Índice de Confiança de Serviços (ICS) da FGV recuou 0,9% em janeiro de 2014, após avançar 1,7% em dezembro de 2013. Expresso em médias móveis trimestrais, o índice ficou praticamente estável (+0,1%). O recuo de janeiro foi bastante disseminado entre os segmentos do setor: de doze atividades pesquisadas, nove apresentaram diminuição da confiança. Entre os dois subíndices que compõem o ICS, a pressão negativa em janeiro decorreu do Índice de Expectativas (IE-S), que recuou 2,0%, após alta de 2,6% no mês anterior. Apesar da redução do grau de otimismo em relação aos meses seguintes, o Índice da Situação Atual (ISA-S) avançou ligeiramente pelo terceiro mês consecutivo (0,6%) (FGV/IBRE, 30/01/2014).

Arrecadação federal bate recorde em 2013

A arrecadação de impostos, contribuições federais e demais receitas somou R\$ 1,13 trilhão e bateu recorde histórico em todo ano de 2013, segundo a Secretaria da Receita Federal. Na comparação com 2012, houve uma alta real (acima da inflação) de 4,08%. Em termos nominais – ou seja, sem atualização dos valores pela inflação – a arrecadação cresceu R\$ 109 bilhões no ano passado. No último mês do ano passado, a arrecadação federal somou R\$ 118,3 bilhões, novo recorde para meses de dezembro – superando, inclusive, o valor de R\$ 116 bilhões antecipado pela Fazenda (G1, 22/01/2014).

Déficit em conta corrente do Brasil é o maior em mais de seis décadas

O Brasil encerrou 2013 com déficit de US\$ 81,374 bilhões em suas transações correntes com outros países. O resultado ficou acima dos US\$ 79 bilhões projetados pelo Banco Central e é o maior déficit da série histórica, iniciada em 1947. Em 2012, o déficit tinha somado R\$ 54,23 bilhões ou 2,41% do PIB. Em proporção do Produto Interno Bruto (PIB), o déficit representa 3,66%, o maior desde os 4,19% registrados em 2001. A última vez em que o país registrou superávit em transações correntes foi em 2007, de US\$ 1,55 bilhão. Somente no último mês de 2013, o déficit em transações correntes somou US\$ 8,678 bilhões, ficando acima dos US\$ 6,3 bilhões projetados pelo BC (Valor Econômico, 24/01/2014).

Investimento estrangeiro direto fica acima do previsto em 2013

O Brasil recebeu US\$ 64,045 bilhões em investimento estrangeiro direto (IED) no ano passado, segundo o BACEN. O resultado é inferior aos US\$ 65,272 bilhões que ingressaram em 2012, mas superior ao projetado pela própria autoridade monetária (US\$ 63 bilhões). Para 2014, o BC também trabalha com ingresso de US\$ 63 bilhões. Ao contrário do observado em 2012, o IED não foi suficiente para cobrir sozinho o déficit em transações correntes, que fechou o ano passado em US\$ 81,374 bilhões, contra US\$ 54,230 bilhões de 2012. Em percentual do PIB, o IED correspondeu a 2,88% no ano passado, frente a 2,90% no período anterior. Pela primeira vez desde 2001, o IED não cobriu integralmente o déficit (Valor Econômico, 24/01/2014).

ECONOMIA INTERNACIONAL

Economia dos EUA cresce a ritmo anual de 3,2% em 2013

A atividade econômica dos Estados Unidos cresceu a um ritmo anual de 3,2% no quarto trimestre do ano passado, impulsionada pelo maior aumento da despesa dos consumidores em três anos, segundo Departamento de Comércio. No trimestre anterior, o Produto Interno Bruto (PIB) americano tinha marcado um ritmo anual de crescimento de 4,1%, e o dado preliminar do Governo mostra o melhor desempenho em dois trimestres consecutivos desde o fim de 2011 e começo de 2012. Nos últimos três meses do ano, de acordo com os números preliminares, a despesa dos consumidores, que nos EUA equivale a mais de dois terços da atividade econômica, cresceu 3,3%, o mais firme desde 2010. Além do entusiasmo dos consumidores, outro fator no aumento do PIB entre outubro e dezembro foi um aumento do investimento empresarial, com uma alta de 6,9% na aquisição de equipamentos por parte das companhias. O relatório do Governo mostra que no quarto trimestre de 2013 as exportações subiram 11,4%, enquanto que as importações cresceram apenas 0,9%, o que contribuiu para melhorar o panorama do PIB (Exame.com, 30/01/2014).

Produção industrial dos EUA avança pelo quinto mês seguido

A produção industrial dos Estados Unidos subiu pelo quinto mês consecutivo, apontou o Federal Reserve (Fed). Em dezembro do ano passado, houve crescimento de 0,3%, na sequência de um avanço de 1% um mês antes. Em 2013, houve expansão de 3,7%. Entre os principais setores, a indústria de transformação apresentou alta de 0,4% na produção em

dezembro e de 2,6% em 2013. A produção de minas subiu 0,8%, mas a de serviços essenciais recuou 1,4% no último mês do ano passado. No calendário completo, as taxas foram positivas em 6,6% e 7,6%, respectivamente. O Fed mostrou ainda que a utilização da capacidade instalada da indústria dos EUA correspondeu a 79,2% em dezembro, acima dos 79,1% em novembro (Valor Econômico, 17/01/2014).

Condições econômicas do EUA se fortalecem

O índice de indicadores antecedentes dos Estados Unidos aumentou 0,1% em dezembro de 2013, para 99,4, após alta de 1% em novembro, informou o instituto Conference Board. Apesar da volatilidade mensal no trimestre final de 2013, o indicador continua apontando para um fortalecimento gradual das condições econômicas no início de 2014. O índice coincidente, sobre a situação econômica atual, subiu 0,2% em dezembro de 2013, para 108,1, na sequência de uma alta de 0,4% em novembro. O índice defasado, referente ao passado econômico recente, saiu de estabilidade no penúltimo mês de 2013 para elevação de 0,3% no fim daquele ano (Valor Econômico, 23/01/2014).

Moedas de emergentes sofrem com crise argentina e aversão a risco

A aversão ao risco dominou os mercados mundiais pelo segundo dia consecutivo, com pressões sobre as moedas dos mais importantes países emergentes. A crise cambial vivida pela Argentina - cuja divisa tombou perante o dólar - repercute nas negociações com as moedas emergentes, que já sofriam com indicadores mais fracos das economias chinesa e americana. O resultado foi uma semana de forte valorização do dólar, em prejuízo do dinheiro brasileiro, turco, indiano, russo e sul-africano. A intervenção do governo da Argentina para conter a alta do dólar no país provocou o resultado contrário: a moeda americana disparou 14% no câmbio oficial, fechando a 7,75 pesos, e no mercado paralelo a 12,85 pesos. Hoje, o dólar oficial encerrou a oito pesos para a venda, alta de 1,51% e, no mercado paralelo, a 11,7 pesos. A moeda americana reduziu a valorização após a decisão do governo de afrouxar as restrições de mercado de câmbio para pessoas físicas. À situação delicada na Argentina, soma-se o fato de que o Federal Reserve (Fed) deverá anunciar novo corte de US\$ 10 bilhões no programa mensal de compra de títulos na reunião da próxima semana. Diante desse cenário, os investidores fogem do risco e se refugiam em ativos considerados mais seguros, o que agrava a tendência de desvalorização das divisas dos países emergentes (Valor Econômico, 24/01/2014).

Indústria e setor de serviços na Zona do Euro ganham força em janeiro

A indústria e setor de serviços da Zona do Euro ganharam dinamismo no começo deste ano. O Índice de Gerente de Compras (PMI, na sigla em inglês) composto, que combina as duas atividades, marcou 53,2 em janeiro, após se situar em 52,1 em dezembro. Qualquer leitura acima de 50 significa crescimento. Em janeiro, o índice que mede o desempenho da indústria na Zona do Euro alcançou 53,9, vindo de 52,7 em dezembro passado. O índice de serviços saiu de 51 para 51,9 (Valor Econômico, 23/01/2014).

Economia da China fecha segundo ano com crescimento de 7,7%

O desempenho econômico da China estabilizou-se em 2013, avaliou o diretor do Departamento de Estatísticas do país. No ano passado, o Produto Interno Bruto (PIB) chinês avançou 7,7%, empatando com a taxa registrada em 2012, o resultado mais fraco desde 1999. Vale recordar que, em 2011, a economia chinesa avançou 9,3%. De qualquer forma, o crescimento da China ficou acima da meta perseguida pelo governo, de 7,5% (Valor Econômico, 20/01/2014).

Indústria da China perde ímpeto em janeiro

A indústria da China retraiu-se em janeiro. O índice que mede o desempenho do setor ficou em 49,6 no primeiro mês deste ano, após se situar em 50,5 em dezembro de 2013. Foi a menor leitura em seis meses, apontou pesquisa preliminar do banco HSBC. Qualquer marca abaixo de 50 significa contração. O recuo observado em janeiro foi associado com um abrandamento das condições de demanda doméstica (Valor Econômico, 23/01/2014).

Banco do Japão decide manter política monetária em vigor

O comitê de política monetária do banco central japonês, com nove integrantes, avalia que a inflação ao consumidor será de 1,3% no próximo ano fiscal, a se iniciar em abril, e de 1,9% no ano fiscal seguinte, a partir de abril de 2015. O banco do Japão avalia que a inflação ao consumidor deve ficar em torno de 1,25% ao ano por algum tempo - em novembro, o índice avançou para 1,2% e a previsão é de que se acelere nos meses seguintes, tendo em vista os esforços da autoridade monetária local para estimular os preços. Os integrantes do conselho

do Banco do Japão mantiveram a avaliação de que o PIB do Japão crescerá 2,7% no atual ano fiscal. Para o ano fiscal seguinte, a ser iniciado em abril de 2014, o BC japonês reduziu levemente a sua previsão de crescimento econômico, para 1,4%, mantendo a do ano fiscal de 2015 em 1,5% (Valor Econômico, 22/01/2014).

EXPECTATIVAS DE MERCADO

De acordo com o relatório FOCUS, a mediana das projeções para o IPCA neste ano teve alta de 6,02%. Para 2015, a previsão apresentou elevação, ao passar de 5,50% para 5,70%. Para o comportamento do PIB neste ano, o mercado financeiro recuou a previsão de crescimento de 1,99% para 1,91%. Já para 2015, a estimativa de crescimento da economia recuou de 2,48% para 2,20%.

O registro das expectativas do mercado, na segunda quinzena de janeiro do corrente ano, de acordo com os dados do relatório de mercado Focus do Banco Central (BACEN), é apresentado na tabela a seguir.

Relatório Focus – expectativas do mercado

Expectativas do mercado						
Mediana Agregada	2014			2015		
	10 jan.	24 jan.	Comportamento	10 jan.	24 jan.	Comportamento
IPCA (%)	6,00	6,02	▲	5,50	5,70	▲
IGP-M (%)	6,00	5,96	▼	5,50	5,50	=
Taxa de Câmbio - média do período (R\$/US\$)	2,40	2,42	▲	2,47	2,45	▼
Meta Taxa Selic - fim do período (%a.a.)	10,50	11,00	▲	11,50	11,50	=
PIB (% do crescimento)	1,99	1,91	▼	2,48	2,20	▼
Produção Industrial (% do crescimento)	2,20	2,20	=	3,00	2,95	▼
Conta Corrente (US\$ Bilhões)	-71,60	-73,00	▼	-71,10	-71,45	▼
Balança Comercial (US\$ Bilhões)	8,25	8,00	▼	12,00	12,00	=
Investimento Estrangeiro Direto (US\$ Bilhões)	60,00	57,50	▼	59,00	60,00	▲

Fonte: Boletim Focus, Banco Central, 24/1/2013.

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
Jaques Wagner

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO
José Sergio Gabrielli

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS
ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA
José Geraldo dos Reis Santos

DIRETORIA DE INDICADORES E
ESTATÍSTICAS
Gustavo Casseb Pessoti

COORDENAÇÃO DE
ACOMPANHAMENTO CONJUNTURAL
Luiz Mário Ribeiro Vieira

PESQUISA DE RADAR SEI
Carla Janira Souza do Nascimento
Jorge Tadeu Dantas Caffé
Dilciele Nascimento de Sousa



COORDENAÇÃO DE DISSEMINAÇÃO DE
INFORMAÇÕES
Ana Paula Porto

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Luzia Luna

DESIGN GRÁFICO
Fernando Cordeiro

EDITORAÇÃO
Ludmila Nagamatsu

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
Jaques Wagner

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO
José Sergio Gabrielli

**SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS
ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA**
José Geraldo dos Reis Santos

**DIRETORIA DE INDICADORES E
ESTATÍSTICAS**
Gustavo Casseb Pessoti

**COORDENAÇÃO DE
ACOMPANHAMENTO CONJUNTURAL**
Luiz Mário Ribeiro Vieira

PESQUISA DE RADAR SEI
Carla Janira Souza do Nascimento
Jorge Tadeu Dantas Caffé
Dilciele Nascimento de Sousa



**COORDENAÇÃO DE DISSEMINAÇÃO DE
INFORMAÇÕES**
Ana Paula Porto

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Luzia Luna

DESIGN GRÁFICO
Fernando Cordeiro

EDITORAÇÃO
Ludmila Nagamatsu